

## FICHA TÉCNICA

Título original: *After I Do*

Autora: *Taylor Jenkins Reid*

Copyright © 2014 by Taylor Jenkins Reid

Edição original publicada por Washington Square Press,  
uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Edição portuguesa publicada por acordo com Taryn Fagerness Agency  
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Luís Silva dos Santos*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 443 288/18

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2018

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Estamos no parque de estacionamento do Dodger Stadium e, como sempre, Ryan esqueceu-se do sítio onde deixámos o carro. Não deixo de repetir que está no Parque C, mas ele não acredita em mim.

— Não — diz-me pela décima vez. — Lembro-me perfeitamente de que quando chegámos virámos à direita, não à esquerda.

Está muito escuro, e diante de nós a única luz provém dos postes que imitam bolas de basebol gigantes. Olhei para o sinal quando estacionámos.

— Pois lembras-te mal — digo em tom cortante e chateado.

Já aqui estamos há demasiado tempo, e detesto o caos do Dodger Stadium. É uma noite cálida de verão — do mal o menos — mas são dez da noite, os outros fãs estão a sair em grupo das bancadas e encontramos-nos os dois a tentar abrir caminho por um mar de camisolas azuis e brancas. Estamos nisto há uns vinte minutos.

— Não me lembro mal — diz ele, que caminha à minha frente e nem sequer se preocupa em olhar para mim enquanto fala. — Tu é que tens má memória.

— Ah, estou a ver! — respondo, zombando dele. — Só porque perdi as chaves esta manhã, agora sou uma idiota?

Ele vira-se e olha para mim; aproveitou o momento para tentar alcançá-lo. O parque de estacionamento é íngreme e sou um pouco lenta.

— Sim, Lauren, foi exatamente isso que eu disse. Que és uma idiota.

— Quero dizer, foi praticamente isso. Disseste que sabes do que falas, como se eu não soubesse.

— Ajuda-me mas é a encontrar a porcaria do carro para podermos ir para casa.

Não respondo. Limito-me a segui-lo enquanto ele se afasta cada vez mais do Parque C. E para que quer ele ir para casa? Para mim é um mistério. Nada disto será melhor em casa. Há meses que não é.

Ryan percorre um círculo amplo, subindo e descendo os declives do parque de estacionamento do Dodger Stadium. Sigo-o de perto, esperando com ele nas passadeiras, atravessando ao seu ritmo. Não falamos. E penso na vontade que tenho de lhe gritar. Na vontade que tive de lhe gritar ontem à noite. Na vontade que provavelmente terei de lhe gritar amanhã. Imagino que ele esteja a pensar o mesmo. E, no entanto, entre nós a atmosfera está perfeitamente imóvel; os nossos pensamentos não parecem tê-la alterado. Ultimamente, cada vez com mais frequência, as nossas noites e fins de semana estão cheios de tensão, uma tensão que só é aliviada quando damos as boas-noites ou dizemos adeus.

Assim que a avalanche inicial de pessoas a sair do estacionamento se dispersa, torna-se muito mais fácil ver onde estamos e onde estacionámos.

— Aí está ele — diz Ryan, sem se dar ao trabalho de apontar para ser mais claro. Viro a cabeça para seguir o seu olhar. Ali está ele. O nosso pequeno *Honda* preto.

No Parque C.

Dirijo-lhe um sorriso. Não é um sorriso agradável.

Ele retribui o sorriso. O seu também não é agradável.

## HÁ ONZE ANOS E MEIO

Eu estava a meio do segundo ano da faculdade. No primeiro sentira-me bastante isolada. A UCLA não se revelou tão acolhedora como eu esperara quando me candidatei. Custava-me conhecer pessoas. Aos fins de semana ia muito a casa para ver a minha família. Bem, na verdade, ia a casa para ver a minha irmã mais nova, Rachel. A minha mãe e o meu irmão mais novo, Charlie, eram secundários. Rachel era a pessoa a quem eu contava tudo. Era a pessoa de quem eu tinha saudades quando comia sozinha no refeitório, e isso acontecia com muito mais frequência do que eu gostaria de admitir.

Aos dezanove anos, eu era muito mais tímida do que fora aos dezassete, tendo acabado o secundário como a melhor aluna da turma, a mão dorida de assinar tantos anuários. A minha mãe passou o tempo a perguntar-me, durante o primeiro ano, se eu queria pedir transferência. Dizia sempre que não fazia mal procurar outro sítio, mas eu não queria. Gostava das aulas.

— Ainda não me integrei, só isso — respondia sempre que ela perguntava. — Mas irei integrar-me, irei.

Isso começou a acontecer quando aceitei um trabalho na sala dos correios. Na maioria das noites, estava eu e uma ou duas pessoas e a dinâmica de trabalho agradava-me. Conseguia relacionar-me com pequenos grupos. Podia destacar-me quando não tinha de gritar para ser ouvida. E ao fim de alguns meses de ter começado nos correios já conhecia bastante gente. Gostava realmente de algumas pessoas. E algumas dessas pessoas também gostavam realmente de mim. Nesse ano, quando nos separámos todos para

as férias do Natal, eu estava desejava de voltar em janeiro. Tive saudades dos meus amigos.

Quando as aulas recomeçaram, dei por mim com um novo horário que me levou a alguns edifícios onde nunca estivera antes. Ia ter aulas de Psicologia e, com este novo horário, comecei a encontrar o mesmo rapaz em todo o lado. No ginásio, na livraria, nos elevadores de Franz Hall.

Era alto e de ombros largos. Tinha braços fortes, bíceps proeminentes que quase não cabiam nas mangas das camisas. O seu cabelo era castanho-claro e usava amiúde uma barba incipiente. Estava sempre a sorrir, sempre a falar com alguém. Mesmo quando o via sozinho, exibia o ar seguro de quem tinha uma missão na vida.

Um dia, encontrava-me na fila para entrar no refeitório quando ele finalmente me abordou. Eu vestia a mesma camisa cinzenta do dia anterior, e ocorreu-me, quando o vi um pouco mais à frente na fila, que ele podia reparar.

Depois de passar o cartão no leitor para entrar, ele ficou para trás dos amigos a falar com o tipo responsável pela máquina que validava os cartões. Quando cheguei ao princípio da fila, ele parou a conversa e olhou para mim.

— Andas a seguir-me ou quê? — perguntou, olhando-me nos olhos e sorrindo.

Fiquei atrapalhada, e ele deve ter percebido.

— Desculpa, foi uma piada parva — disse. — É que ultimamente vejo-te em todo o lado. — Devolveram-me o cartão. — Posso acompanhar-te?

— Sim — respondi.

Eu ia ter com os meus amigos da sala dos correios, mas reparei que ainda não tinham chegado. E ele era bonito. Sim, isso era o que mais me atraía nele. Era bonito.

— Onde vamos? — perguntou. — Para que fila?

— A dos grelhados — respondi. — Se te apetecer, claro.

— Isso é realmente perfeito. Estou mortinho por uma tosta de hambúrguer com queijo e cebola.

— Então está decidido, vamos para a dos grelhados.

Não dissemos grande coisa enquanto esperávamos na fila, mas esforçou-se para manter a conversa.

— Ryan Lawrence Cooper — disse, estendendo-me a mão.

Ri-me e apertei-lha. O seu aperto era firme. Fiquei com a nítida sensação de que se ele não quisesse que o aperto de mão terminasse eu nada poderia fazer. Digo isto para terem uma ideia da força dele.

— Lauren Maureen Spencer — respondi.

Ele soltou-me.

Tinha-o imaginado como alguém sociável e seguro, digno e encantador, e até certo ponto era. Mas, enquanto falávamos, ele pareceu hesitar um pouco, como se não soubesse bem o que dizer. O rapaz giro que parecia muito mais seguro do que eu alguma vez seria revelou-se... totalmente humano. Era uma pessoa atraente, talvez divertida e suficientemente satisfeita consigo própria para que parecesse compreender o mundo melhor do que o resto dos mortais. Mas na realidade não era assim. Era como eu. E, de repente, isso fez-me gostar dele muito mais do que esperava. E isso deixou-me nervosa. O meu estômago começou a agitar-se, as minhas mãos a suar.

— Então, não faz mal, podes admiti-lo — disse eu, tentando ser engraçada. — Na verdade eras *tu* quem andava a seguir-me.

— Admito — respondeu, e então rapidamente mudou a sua história. — Não! Claro que não. Mas também deste por isso, certo? É como se de repente estivesses em todo o lado.

— *Tu* estás em todo o lado — retorqui, dando um passo quando a fila avançou. — Eu só estou nos sítios onde tenho de estar.

— Queres dizer nos sítios onde *eu* tenho de estar.

— Talvez estejamos ligados cosmicamente — brinquei. — Ou tenhamos horários parecidos. A primeira vez que te vi, creio que estavas no pátio. E eu ando sempre por ali a matar o tempo entre Introdução à Psicologia e Estatística. Portanto, também deves ter uma aula a essa hora na zona sul do *campus*, certo?

— Sem querer acabas de revelar dois pormenores importantes, Lauren — disse Ryan, sorrindo.

— Ai, sim?

— Sim. — Ele assentiu. — O menos importante é que agora sei que escolheste a especialidade de Psicologia e conheço duas das tuas aulas. Se eu andasse a perseguir-te, isso seria uma mina de ouro.

— Está certo — assenti. — Mas se me andasses a perseguir à séria já terias descoberto.

— Independentemente disso, um perseguidor é um perseguidor.

Chegámos por fim ao princípio da fila, mas Ryan parecia mais focado em mim do que em fazer o pedido. Desviei o olhar dele apenas o tempo suficiente para pedir o meu almoço.

— Arranja-me uma tosta de queijo, por favor? — pedi ao cozinheiro.

— E tu? — perguntou o cozinheiro a Ryan.

— Tosta de hambúrguer com cebola, queijo extra — respondeu Ryan, inclinando-se para a frente e roçando acidentalmente no meu antebraço com a manga. Senti um ligeiro choque.

— E o segundo pormenor? — perguntei.

— Hum? — fez Ryan, olhando para mim com cara de quem se esquecera do que estivera a dizer.

— Disseste que revelei dois pormenores.

— Oh! — Ryan sorriu e fez deslizar o tabuleiro para perto do meu no balcão. — Disseste que me tinhas visto no pátio.

— Sim.

— Mas eu não te vi lá.

— Pois não — concordei, sem perceber onde ele queria chegar.

— Então, tecnicamente falando, reparaste primeiro em mim.

Sorri.

— *Touché!*

O cozinheiro entregou-me a tosta de queijo. Depois entregou a Ryan a sua. Pegámos nos nossos tabuleiros e dirigimo-nos para a máquina de refrigerantes.

— Então — disse Ryan —, já que és a perseguidora aqui, acho que vou ter de esperar que me convides para sair.

— O quê? — perguntei, chocada e mortificada.

— Olha, posso ser muito paciente. Sei que tens de reunir coragem, que tens de me convidar de uma forma que pareça espontânea.

— Claro.

Peguei num copo e pu-lo sob a máquina de gelo. Esta rugiu e, em seguida, deitou três reles cubos. Ryan estava ao meu lado e bateu na máquina. Uma avalanche de cubos de gelo caiu-me no copo. Agradei-lhe.

— De nada. Então que tal isto? Que tal eu esperar até amanhã às seis da tarde? Encontramo-nos no átrio do Hendrick Hall. Levante a comer um hambúrguer e talvez um gelado. Conversamos. E depois podes convidar-me para sair.

Sorri.

— É justo — acrescentou. — Reparaste em mim primeiro.

Ele era encantador. E sabia-o.

— Muito bem. Mas tenho uma pergunta. Antes, quando estavas na fila — disse, apontando para o tipo que controlava os cartões —, conversavas com ele sobre o quê?

Perguntava porque tinha a certeza de que sabia a resposta, e queria obrigá-lo a dizê-la.

— O tipo que controla os cartões? — perguntou Ryan a sorrir, porque sabia que tinha sido apanhado.

— Sim, tenho curiosidade em saber sobre o que é que falavam.

Ryan olhou-me bem nos olhos.

— Disse-lhe: «Finge que estamos a ter uma conversa. Preciso de fazer tempo até que a rapariga da camisa cinzenta chegue aqui.»

O pequeno choque elétrico que sentira momentos antes intensificou-se. Inflamou-me. Sentia-o nas pontas dos dedos das mãos e dos pés.

— Hendrick Hall, amanhã. Seis da tarde — disse eu, confirmando que estaria lá.

Embora, naquela altura, creio que os dois sabíamos perfeitamente que eu estava mortinha por ir. Que queria que aquele «amanhã lá» tivesse sido um «aqui e agora».

— Não te atrases — disse ele, sorrindo e já a afastar-se.

Pus a bebida no tabuleiro e avancei despreocupadamente pelo refeitório. Sentei-me sozinha a uma mesa, não estando ainda pronta para me reunir com os meus amigos. O sorriso no meu rosto era demasiado rasgado, demasiado forte, demasiado intenso.



Às 17h55 eu estava no átrio do Hendrick Hall.

Esperei ali durante alguns minutos, tentando fingir que não estava à espera de alguém com impaciência.

Aquilo era um encontro, um verdadeiro encontro. Não era como quando um rapaz nos convida na sexta-feira à noite para ir com ele e os amigos a uma festa de que tinham ouvido falar. Não era como quando o rapaz de que gostávamos no secundário, o rapaz que conhecíamos desde o oitavo ano, finalmente nos beijava.

Aquilo era um encontro.

O que ia dizer-lhe? Mal o conhecia! E se eu tivesse mau hálito ou dissesse alguma coisa estúpida? E se o meu rímel se esborratasse e eu passasse a noite inteira sem perceber que estava com cara de guaxinim?

Em pânico, tentei ver o meu reflexo numa janela, mas precisamente nesse momento, Ryan apareceu na entrada principal do átrio.

— Uau! — fez ele quando me viu.

Naquele momento, deixei de me preocupar com a possibilidade de ter um aspeto imperfeito. Deixei de me preocupar com as minhas mãos nodosas ou os meus lábios finos. Em vez disso, pensei no brilho do meu cabelo castanho-escuro e na tonalidade acinzentada dos meus olhos azuis. Pensei nas minhas longas pernas quando vi como os olhos de Ryan se desviavam em direção a elas. Fiquei contente por ter decidido mostrá-las com um vestido curto de malha preta e uma camisola com fecho de correr.

— Estás muito gira — continuou ele. — Deves gostar mesmo de mim.

Ri-me enquanto ele me sorria. Trazia calças de ganga e *T-shirt*, e um polar da UCLA por cima.

— E tu deves estar a fazer um grande esforço para não mostrar o quanto gostas de mim — retorqui.

Então ele sorriu, mas de um modo diferente. Já não me sorria como se tentasse ser encantador. Estava encantado *comigo*.

E isso soube bem. Mais do que bem.

Enquanto comíamos os nossos hambúrgueres, perguntámos um ao outro de onde éramos e o que queríamos na vida. Falámos das aulas. Descobrimos que tivéramos ambos o mesmo professor de Oratória no ano anterior.

— O professor Hunt! — exclamou Ryan, num tom quase nostálgico.

— Não me digas que gostavas do professor Hunt! — admirei-me. Ninguém gostava do professor Hunt. Aquele homem era tão interessante como uma caixa de cartão.

— O que há para não gostar? É simpático. É atento! Foi uma das poucas cadeiras nesse semestre a que tirei um A.

Ironicamente, Oratória foi a única cadeira a que tirei um B nesse semestre. Mas teria soado mal se o dissesse.

— Foi a minha pior cadeira. Falar em público não é o meu forte. Sou melhor a investigar, a escrever ensaios, a fazer testes de escolha múltipla. Não sou boa no que toca à parte oral.

Olhei para ele depois de falar e senti o meu rosto ficar vermelho. Fora um comentário um tanto infeliz para um primeiro encontro com alguém que mal conhecia. Por momentos, pensei que ele ia fazer uma piada sobre isso. Mas não fez. Fingiu não perceber.

— Pareces o tipo de rapariga que tira A a tudo — comentou ele. Senti-me tão aliviada. De alguma forma, ele conseguira pegar naquele meu deslize embaraçoso e dar a volta para não me envergonhar.

Tornei a corar. Desta vez, por um motivo diferente.

— Bem, vou-me safando — respondi. — Mas deixaste-me impressionada. Não é fácil tirar um A a Oratória.

Ryan encolheu os ombros.

— Acho que sou apenas uma daquelas pessoas que se saem bem a falar em público. As multidões não me assustam. Podia falar para uma sala cheia de gente sem me sentir deslocado. O que me deixa nervoso são as conversas de pessoa para pessoa.

Senti-me inclinar a cabeça para um lado, uma indicação física da minha curiosidade.

— Não pareces alguém que fica nervoso a falar, seja qual for a situação. Independentemente do número de pessoas presentes.

Ele sorriu enquanto terminava o hambúrguer.

— Não te deixes enganar por este ar despreocupado — disse.  
— Sei que sou diabolicamente bem-parecido e talvez o tipo mais encantador que já conheceste, mas há uma razão para eu ter levado tanto tempo a arranjar forma de falar contigo.

Aquele tipo que parecia tão fixe gostava de *mim*. *Eu* deixava-o nervoso.

Não sei se há alguma coisa que possa equiparar-se àquilo que sentimos no momento em que descobrimos que pomos nervosa a pessoa que nos deixa nervosa.

Torna-nos ousados. Torna-nos confiantes. Faz-nos sentir que podemos fazer qualquer coisa.

Debrucei-me sobre a mesa e beijei-o. Beijei-o no meio de uma hamburgueria, e ao fazê-lo meti sem querer a manga da camisola no recipiente do *ketchup*. Não foi um beijo sincronizado, nem nada que se pareça. E não lhe acertei na boca à primeira. Fui um pouco para o lado. E percebi que fora apanhado de surpresa, porque por um momento ficou petrificado. Depois deixou-se levar. Sabia a sal.

Só quando me afastei tive consciência do que acabara de fazer. Eu nunca tinha beijado ninguém. Fora sempre beijada. E respondera sempre ao beijo.

Ele olhou para mim, confuso.

— Julguei que era eu quem devia fazer isso — comentou.

Senti-me bastante mortificada. Era o tipo de coisa sobre a qual lera na secção de «momentos embaraçosos» da revista *YM* em adolescente.

— Eu sei, lamento. Estou tão... não sei porque é que...

— Lamentas? — repetiu ele, chocado. — Pois não lamentes. Este foi talvez o melhor momento da minha vida.

Olhei para ele e não pude evitar sorrir.

— Todas as raparigas deviam beijar assim — continuou ele. — Todas as raparigas deviam ser exatamente como tu.

Ryan acompanhou-me a casa, e pelo caminho não deixou de me empurrar contra portas e recantos para me beijar. Quanto mais nos

aproximávamos da residência, mais longos se tornavam os beijos. Até que parámos à porta do edifício e nos beijámos durante o que pareceu uma eternidade. Fazia frio na rua; o sol pusera-se havia horas. As minhas pernas nuas estavam geladas. Mas a única coisa que eu sentia eram as suas mãos sobre o meu corpo, os seus lábios sobre os meus. Não conseguia pensar em nada que não fosse o que estávamos a fazer, a sensação das minhas mãos no seu pescoço, o seu cheiro a roupa lavada e almíscar.

Quando chegámos ao momento em que havia que avançar ou dizer adeus, afastei-me dele, sem deixar de lhe agarrar a mão. Pelo seu olhar, percebi que desejava que eu o convidasse a subir ao meu quarto. Mas não o fiz.

— Podemos ver-nos amanhã? — perguntei em vez disso.

— Claro.

— Vens buscar-me e levas-me a tomar o pequeno-almoço?

— Claro.

— Boa noite — disse, dando-lhe um beijo no rosto.

Soltei a mão e virei-me para ir. Estive prestes a parar e a pedir-lhe que subisse comigo. Não queria que aquele encontro terminasse. Não queria deixar de lhe tocar, de ouvir a sua voz, de saber o que ele diria a seguir. Mas não me virei. Continuei a andar.

E então soube que estava perdida. Loucamente apaixonada. Soube que me entregaria a ele, que lhe revelaria a minha alma, que iria deixá-lo destroçar-me o coração se fosse preciso.

Portanto não havia pressa, disse a mim mesma quando entrei no elevador sozinha.

Ao chegar ao quarto, liguei a Rachel. Tinha de contar-lhe tudo, dizer-lhe como ele era bonito, como era doce. Tinha de contar-lhe as coisas que me dissera, a forma como me tinha olhado. Precisava de revivê-lo com alguém que pudesse entender como tudo aquilo era maravilhoso.

E Rachel entendeu; entendeu perfeitamente.

— Então, quando vais dormir com ele? Essa é a minha pergunta — disse-me. — Porque parece que as coisas ficaram muito quentes quando estavam na rua. Talvez devesses estabelecer uma data, sabes? Por exemplo, não vou para a cama com ele até estarmos

a sair há tantas semanas ou dias ou meses. — E desatou-se a rir. — Ou anos, se preferires assim.

Disse-lhe que preferia deixar que as coisas evoluíssem de modo mais natural.

— Que péssima ideia — comentou ela. — Precisas de um plano. E se dormires com ele demasiado cedo ou demasiado tarde?

Mas na verdade eu não achava que pudesse haver um demasiado cedo ou um demasiado tarde. Confiava tanto em Ryan, e em mim própria, que aquilo parecia infalível. Como se apesar do pouco que nos conhecíamos eu já soubesse que estaríamos tão bem juntos que não conseguiríamos dar cabo daquilo mesmo que tentássemos.

E isso produzia em mim uma intensa emoção e uma profunda sensação de paz.

Quando aconteceu, Ryan e eu estávamos no quarto dele. O seu colega fora passar o fim de semana fora. Ainda não tínhamos dito um ao outro que nos amávamos, mas era óbvio.

Fiquei maravilhada ao ver como ele entendia bem o meu corpo. Eu não precisava de dizer o que queria. Ele sabia. Sabia como beijar-me, sabia onde pôr as mãos, onde tocar, como tocar.

Até àquele momento, nunca tinha entendido o conceito de fazer amor. Parecia-me extravagante e dramático. Mas com Ryan entendi. Não se trata apenas do movimento. Trata-se da forma como o nosso coração transborda quando ele se aproxima. Da forma como o seu hálito parece fogo. Da forma como o cérebro se desliga e o coração assume o controlo.

Não me interessava nada que não fosse senti-lo, sentir o seu cheiro, o seu gosto. Queria mais dele.

Depois, ficámos deitados lado a lado, nus e vulneráveis, embora não nos sentíssemos assim. Ele agarrou-me a mão.

— Tenho de dizer-te uma coisa, mas não quero que penses que o digo por causa do que acabámos de fazer.

Eu já sabia o que era. Sabíamos os dois.

— Então não o digas agora — respondi.

Ele pareceu desapontado com a minha resposta, pelo que tentei explicar-me.

— Quando mo disseres, eu também to direi.

Ryan sorriu e ficou em silêncio durante algum tempo. Na verdade, pensei que tinha adormecido. Mas então disse:

— Isto é bom, não é?

Virei-me para ele.

— Sim, é.

— Não, o que quero dizer é que é perfeito. O que temos é perfeito. Podíamos casar um dia.

Pensei nos meus avós, o único casal que conhecia. Pensei na forma como a minha avó cortara a comida ao meu avô quando ele estava demasiado fraco para conseguir fazê-lo.

— Um dia — disse eu. — Sim.

Tínhamos dezanove anos.